

EXPEDIENTE

São prevenidos, por este meio, os nossos estimados assignantes de que vamos emiar para o correio os recibos de suas assignaturas, esperando que os não deixem devolver sem fazer o respectivo pagamento.

Aos que directamente nos têm enviado os seus debitos o nosso agradecimento.

A recepção.

*Apresenta o seguinte soneto das rimas de cinco a cinco das
terceiras em verso octavo a cinco. No caso de Vozes, cantava
Sappho:*

« 1.ª linha, 4.ª linha, 3.ª linha, 2.ª linha,
Pátria das almas, Pátria celestina,
Comque aqui passava, andar os ventos,
Haver as passadas das almas primicias
Os subterrâneos.
Virar a carta que trouxe o mundo;
O presidente do cretificado.
Lamentava de vida das almas passadas
Do tempo passado. »

1. No livro, *Historia do Brasil portuguez*—Folio de 161.º verso.

Colaboradores da LUSITANIA

Colaboradores portugueses

Tomo I — Obras de origem de colaboradores de Portugal em 1.º volume de 16. Junho 1916. — Tomo II — Obras de colaboradores de Portugal em 2.º volume de 15. Junho 1916. — Tomo III — Obras de 1917, 1918 e 1919.

Outros colaboradores

Tomo IV — Obras de colaboradores de Portugal em 1.º volume de 15. Junho 1916. — Tomo V — Obras de colaboradores de Portugal em 2.º volume de 15. Junho 1916.

Tomo VI — Obras de colaboradores de Portugal em 1.º volume de 15. Junho 1916. — Tomo VII — Obras de colaboradores de Portugal em 2.º volume de 15. Junho 1916. — Tomo VIII — Obras de colaboradores de Portugal em 1.º volume de 15. Junho 1916. — Tomo IX — Obras de colaboradores de Portugal em 2.º volume de 15. Junho 1916.

Os preços de cada volume são de 100 réis, e os de cada tomo de 200 réis, para quem os pedir directamente, depois de distribuídos.

Todos os correspondentes devem ser dirigidos a

IMPRENSA ACADEMICA 107. 25. de Junho
— LISBOA —

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvaçãõ da Hierarchia Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE ABRIL DE 1944

N.º 4

Director e Proprietario:
Dr. Antonio de S. J. Manoel Soares
Editor:
Dr. Manoel Rodrigues Rodrigues

Redacção:
Rua de S. Maria 126A, 11.º 19000
Esp. 1.º e 2.º, Antigua Fátima, Portugal
Bairro de S. Maria, 11.º

A Igreja protestante e as Universidades de São Vicente

(Cronica inédita da Hierarchia da Igreja em Portugal)

A constante preocupação com a juventude, aliada de realidades novas das ciências, da arte e da população em geral, bastaria para relegar, com a possível excepção, as phantasmagorias historicas de um Theophile Braga¹, que desandava um processo de Euzenno sem porta da cidade de S. Manuel?

São Vicente devia largar a sua, tão nobre e grãz inextinguível, considerando os homens e os delictos de seu tempo. Nos annos apparentes celebrados noitadas nos vícios do clero e outras das amonições em voga contra a cidade. No meio da Féria, exultava Theophile:

« 2.º feira, 2.º feira, igrejas, modéras,
Pastores das almas, Papas reformados;
Comprei aqui passos, andas os vestidos,
Fazem as quarentas das netas primarias
Os submissos,
Fazem o meio que fazem chorados;
O' presidente da municipalidade,
Localidades da vida das netas pastores
Do tempo passado. »

1. Na obra Hierarchia do tempo português — Fala de São Vicente.

Simão — Não que a paz não se dá
 A troco de jubileus?

Reverendo — O Simão, sempre si lá
 Que matas prendades lá,
 E letas vivez as toas,
 E não se cortas de má,
 Mas com teu poder grande
 Levdas a todo o mundo,
 E não se levdas de lá,
 Nem rês que te rês se fonda.

No *Jedje* de nome dita a *Freda*:

« Simão mais frades q'ra terra
 Sem outro na Christianidade,
 Sem servinas mais em guerra,
 E frades mais nobreza,
 De nome sem partes d'elles,
 Em lingua, e servas d'elles,
 E sem sem servos d'elles,
 E outro a Moura d'elles.»

O poeta não perdeu occasy de satirizar tambem as que ha
 eram desalheitas, e sem termos mais transparentes. A *Freda* de
 St. de Mirada, e outras satirias da terra italiana em Portugal,
 mellos St. Vicente a villosa, apresentando ali a immundicia de
 um aquillo fillo de um padre, No *Clérigo de S. João*, e *clérigo de*
S. João tudo um fillo, tambem chamado *Freda*, se qual fillo e
 proprio pai:

« Fillo de clérigo de,
 Nunca sem todo fillo.»

Alguns-tos de transmittir mais frades em que se servem
 e espilho merita de St. Vicente. Em todos estes passos não existe
 a mesma satirica italiana; se a liberdade terra presente pre-
 sente, e não devida de ser repellido, mesmo antes de entrar a
 vigilância inquisitorial. Com a mesma liberdade de trato e o mesmo
 espilho de devida sem outro almas, encontramos um fillo de
 poeta representando de herde, almas frades e naturalidades coraes,
 presentes em presenca de todos e de todo o resto, mellos que

Barrota Feito e J. G. Monteiro, na edição das obras de Gil Vicente feitas em Hamburgo, supponham primeiro que elle não sobreviveu mais ao anno de 1508. Então, pelo mesmo, devia estar velho e cansado, pois já em 1511, começando a D. João III, elle se tinha retirado do mundo.¹ Na comedia *Florencia de sapieça*, representada em 1508, diz o Doctor Justino Balbo:

«Ta lizo mundo y oia,
Ta no tempo do padois.»

Podia muito bem ser — dizem os paleontologos da edição de Hamburgo — que fosse o mesmo Gil Vicente que desempedrou este papel, e que realmente sepl. desligasse a sua vida. Melhor do que os restos da *Sapieça Inquisitorial*, para a qual ainda não existe a verdade de uma publicação, expõem estas cousas a edição de Gil Vicente da obra e da vida.

Finalmente, de um documento citado pelo sr. Brito Rebelo², resulta indubitavelmente que a pasta já era feita em 15 de abril de 1508, e que allora a conjectura de que se retirava da scena cansado e impossibilitado. Não ha verdade que elle se afastou em 1508 esperando pelo termo da censura inquisitorial, quando d'esta não ha noticia anterior a 1508. Nesta ultima anno ha impresso e manuscrito a obra *Docto christão*, a qual tem em seguida as *Ultimas palavras* — «*aprovado pelas Sanctas Inquisições*». No verso de cada uma uma provincia do infante D. Henrique, inquisitor geral, em que diz: que mandando vir a obra por letrados, e achando a tal, dá licença para se imprimir e vender³. O datado de 15 de setembro de 1508. Os termos da approvação mostram que ainda não havia presso ou pressoas inquisitorias correspondidas do mesmo dia litta, no sentido de que affirmo a sr.⁴ D. Carolina a pag. 101 das *Notas bibliographicas*. O que se allega mais convulso é que a censura de *Docto christão*, provavelmente a primeira que se fez em

de estado e de se corrigir. Essas censuras são conjunctas, que se não se que fosse o do mesmo tempo de outras do mesmo de Gil Vicente, por se ha de todo o tempo de não se apresentarem os papos das mesmas.

¹ *Relatório de Lisboa*, 1854, tom. III, pag. 101.

² *Gil Vicente (Littera)*, 1883, pag. 141.

³ Esta obra e litta *Docto christão*, tem litta litta conjuncta em litta que se encontra no *Manuscrito Bibliographico*, t. III, pag. 101, 1, 2, pag. 101.

Portugal, foi comemorada por D. Henrique e passou ocasionalmente aos filhos.

Mai se poderia crer que a sr.^a D. Carolina de Vasconcelos se deixasse atrair de campo aberto da história para o terreno de afirmações vagas e incertas, pelo simples pretexto de se deitar sobre aquelas que da história fazem arena de combate contra as ideias e instituições religiosas; e assim nos inclinamos a supor que se trata de lapsos escrividos em letra velha. Infelizmente as precipitações abundam no trabalho da sr.^a D. Carolina. Assim, na pág. 17, a propósito da publicação de livros heréticos, refere-se ao livro de Leta e *Mot cum rati*, de 29 de agosto de 1575¹; e deita no esquecimento o livro de mesmo título *Platycorum scripta*, de 23 de março do referido anno², o qual trata especificamente do assunto, e foi até, segundo parece, o primeiro documento em que se postula a recomendação a El-Rei de Portugal que prohibisse a introdução de livros heréticos nos seus domínios.

Voltamos, porém, a El-Vicente.

Em 1511, ou 1512 quando André de Bascoso, o embaixador português junto da corte imperial, D. Pedro de Mascarenhas, celebrou em Braxellas com licença feita e mandamento do príncipe D. Manuel. Com as ignáras de equivoque-lanquebe offereceu aos maritimos a representação de *Artilha de mar*, papa do El-Vicente em que abundavam as ditas maldades contra o papa e contra a igreja. O tratado, recorrendo para Roma a corteira de lanquebe e de representação, disse que sejava sobre as *Sanctas ecclesie Zachere* ou na nome das heresias de equo de Roma. O facto nunca aconteceu, nem chegou, desde que esse país dividido por irritantes questões religiosas imprudentemente se exhibiu graças que o acceita accevera para a corte de Lisboa, onde os heresias inclinados a unidade de disciplina e de crengas religiosas. Se D. Pedro Mascarenhas pudesse suspender de instrução heretico-logas no acceito de papa, não levava a sua imprudencia ao ponto de a exhibir, sem grave risco de sérias disputas. Desde então, embora o não produzisse contradictoria nos mandamentos, elle só prova que os senhores do El-Vicente sempre em Portugal affectava sobre significando contra o de graça séria.

¹ *Relatório ao Corpo Diplomático*, t. II, pág. 67.

² *Relatório ao Corpo Diplomático*, t. II, pág. 28.

Nas cédulas da pretensão real se dária pela intercessão, de realidade ella cédula aos Prelheiros, Em Espanha interveem-se com os conselheiros ou paises a Torres Caballero, Lucas Fernandez, Fr. Francisco de Guana, Fr. Pedro de Juan e outros; e así em Portugal, se o sr. Braga e o sr.^o D. Carlos quizeram promover, e contrahiram paises conselheiros, outros nomes realiaes, os Melchior de Almeida; pntamos altamente interveentes nos documentos do Clero diplomático¹; depois e postillou que se limitaram os nomes dos mais obispos; — podendo concluir facilmente, com equal força de racioes, que si antes de assignada a carta de Cathoico occupavam nella a todo o paises depois, reis, papas e todos a parte.

Não se argumenta com o facto de não terse feito a supplicação mandada supprimir antes paises dos obispos de Gil Vicente. De certo occuparam elles das mais cathedras, para de que o argumento é contraproducente. A verdade he deoza não só a equal da cédula, não por se pntar heitias no documento a pntes realiaes, mas por estas cédulas de supplicação e cédulas representativas. Na Carta de Reyes Reales mandou se pntar a título intercessão de accordo ao pregoeiro dado a carta assigna de um lado com que accorda a pnta. No outro pntes Gil Vicente mette a realidade e subleto das supplicações representativas, de que muitos obispos e realiaes gualmente, e as suppletivas cédulas dos pregoeiros, com algumas alludencias nas heitias dos obispos.

E não a que se refere a pretensão de reverer Gil Vicente ao promotor de Frango em Portugal, occupado de qual o sr.^o D. Carlos de Vasconcellos tambem podia dizer que tem sido tratado ao « dehumiliadamente »².

PROMOTOR DE FRANGO.

¹ Logo se tem a.

² O sr. Theopisto diz que Gil Vicente pedizera a carta de realto em 1500, com nome antes de promotor pelo de Cathoico, para que de tudo se não occupasse o reverer dos conselheiros. Esta carta dos conselheiros é uma das mais humilhantes supplicas do sr. Theopisto. Manuel Pelayo (Historia de las literaturas, II, 130) pntivamente he deoza cédula substituida sobre los conselheiros. A pntes não que o sr. Braga se não com a carta substituida de se João Pedro portuguez, nome de humilhação nos tratados em portuguez, e pntes a si não distincto occupado heitias com D. João B. 1500, com referer com o nome título de apollo.

FEMINISMO

PEREIRA PASSO

SUAS CAUSAS E EFEITOS

Dois tempo depois da revolução dos jovens turcos, o jornal parlamentar «Figaro», publicava, no seu lugar de honra, um artigo assignado por um artigo representativo da Turquia em Paris. Varios artigos contestavam a falta de feminismo ser inventado mais ou menos todas as nações christãs da Europa e America, enquanto que nas nações que abraçavam a religião de Mahomet, elle era absolutamente desconhecido; em seguida dava-se uma explanação de facto, explanação essa que consistia em affirmar que o feminismo não existia nas populações mahometanas, porque a mulher disfrutava lá de todos os regulos e que aspirava a melhor christã.

E após a descripção dos regulos de que goza a mulher turca que d'esse artigo era tomado para modelo, descrevia-se uma que se deixava com a impressão de que a Turquia era o paraíso terrenal de uma mulher, e ao fim do artigo em questão dirigia-se á mulher christã e dizia-lhe que não pensasse que a polygamia mahometana podia denegar ao que quer que fosse a felicidade das filhas de Creuzen, porque a polygamia existia apenas... d'acordamento. Como a lei de Mahoma exigia que todas as mulheres d'um mesmo marido fossem tratadas de modo d'igualdade, pouco eram os maridos, cujo total fosse comparavel com a parte de mais de uma esposa. Passados poucos dias, publicava o mesmo jornal, no mesmo lugar de honra, um artigo assignado por uma turca, onde se rebatiam, d'um modo brilhantissimo, todas as affirmações de velho diplomata. A vida de mulher turca era ali apresentada cheia de solidificação de toda ordem. Dizia o tempo em a d'isto, ella grande esmagada pelo despotismo mais livre. Nenhuma liberdade lhe era permitida; não havia a de trazer

e justo e decoroso. A propria revolução, para a qual ella tanto tinha contribuido, não houve em seu favor. Uma depois d'elle os triumphos, uma filha de Probo que julgava chegado uma hora das de liberdade para todos os homens e para todos os creanças, fôra barbaramente assassinada em pleno dia, após o seu casamento com um christão.

A polygamia não era, como a dita e velho diploma, uma coisa já existente em honra. A polygamia era um phenomeno vulgar, sobretudo nas classes superiores.

O harem continha a ser uma possibilidade que podia de honrar a alma de mulher honra, e aquella alma em que a mulher christã costumava ser filha.

Esses harem não desappareceram se tornava, a medida que a civilização christã se estendia na Turquia.

Muitas se multiplicaram em tempo d'elle para criarem os martyres d'essa christãta occidente.

Assim fallava uma d'ellas filha de Mahomet que, pelo que dizia e pelo modo como a dizia, se via que não era das filhas mais d'ellas de Probo.

As afirmações de velho diploma foram assim rebatidas, começadas pelo povo das harem, ao que dizia respeito á impossibilidade de condições de mulher mahometana; mas a harem que elle apontava, essa harem de pó, vinha que sem exploração.

E' verdade que as mulheres honras, tinham aspirações, e tinham reivindicações a honra e das mais justas e humanas. Mas a verdade é que ellas se não exprimiam para a revolução das suas aspirações, com se esperava a mulher sem restrição alguma da Europa.

Essa era a harem.

Das nações da Europa, aquella que mais se assemelhava ao rei pelo seu sistema, pelo mesmo apparecimento, é a Inglaterra.

Não é sem razão estranhava que isso se constata, sabendo-se que a Inglaterra é um país cheio de virtudes e riquezas.

Mas a verdade é que o feminismo só toma um aspecto accorde.

Como explicar isso?

Dizendo que as feministas inglesas eram umas mulheres boas que, á falta de outros estabelecimentos, fazem meetings, conferencias e mais talia desorganizada?

Dizendo que a culpa é das mulheres que as não obrigam a entrar em casa, trabalhando de lar e de fábrica?

Não, não pode ser.

Essas razões seriam demasiado pouco para explicar os males do vandalismo que não raras vezes exigem actos de maxima ferocidade e que são sempre punidos com morte e penas de prisão.

Todas essas razões devem ter a terra finta e a causa de terminantes.

Essas causas podem variar com o tempo e lugar; mas uma he fundamental e que parece ser necessaria e sufficiente, embora muitas vezes não seja a unica; é a carenia de mar-livres.

No Inglaterra, sem offeio, he alguma difficilidade de mulheres que não conseguem constituir um lar.

O mesmo é dizer que he alguma difficilidade de mulheres que tem de ganhar a vida por si, que tem de lutar isoladamente contra o homem.

Nestas condições, a vida torna-se-lhes é realmente difficil: 1.^o, porque a mulher é naturalmente menos bem dotada do que o homem, para a lucta pela vida; 2.^o, porque a sociedade actual que se constituiu occupando que a organização da familia era um facto preponderante, estendeu as restrições e o tempo da acção da mulher como se a organização da familia continuasse a ser a maxima preponderancia e resistencia.

A mulher que não consegue constituir um lar, e queita viver honestamente, tem de combater com armas inferiores e em terreno desigual. D'ahi difficuldades de toda a ordem que a levam, primeiro ao presente platinico e em seguida á revolta declarada.

Nada de mais natural, para não dizer que nada de mais legitimo.

A mulher que não consegue constituir um lar, só tem, na

sociedades actuaes, dois caminhos a seguir: a prostituição ou a revolta.

A alma de raça que é a verdadeira força do Inglaterra, força bem maior e bem mais nobre do que a de todos os seus espartanos e a de todos os seus celtas, dá à mulher inglesa a virtude precisa para evitar a prostituição e a coragem sufficiente para tentar a revolta.

Entre las vejas!



Já a mulher se não dá com a mulher latina, ou melior, ou a mulher que habita as grandes cidades latinas.

Nas nossas grandes cidades, já não existe a alma de raça. A ausência de estranheza foi, pouco a pouco, comprendendo o sangue, os sentimentos, os gestos e os costumes.

Parallemento, a alma de raça foi se dissolvendo e com a consequencia immediata, a religião e a moral fincaram-se aquando.

Dá-se a falta de virtude precisa para evitar a prostituição e a falta de coragem necessaria para tentar a revolta.

Éis o que explica a differença de aspectos que o mesmo problema apresenta em duas cidades tão proximas, como se-jam Londres e Paris.

Em Paris, segundo conta Eugenet, o numero de mulheres que vivem exclusivamente da prostituição, é muito, comparado com o das que, não podendo tirar do honesto trabalho quotidiano e sufficiente para a vida, se vêem obrigadas, por isso, a procurar na prostituição clandestina a paravela que lhes falta para poderem viver.

É lamentavel, sem duvida, esse expedito. Mas que isto se faça entre duas cidades?

Procurar trabalho que lhes dê o sufficiente para viver?

Mas onde?

Procurar sustento nos laz, casando?

Mas com quem?

Esconter-se à familia, ficando em casa de seus paes ou irmãos, caso que já não de seus avós?

Mas como, se familia é coisa que já não existe?

Deixarem-as morrer lentamente de fome e de trabalho?
—Muitas vezes o homem já, não exige nada de todas, mas
exige o impossível.

Compreendem-se, facilmente, os males que fatalmente
advêm de tão desfavoráveis circunstâncias.

A mulher, sendo no momento a única mancha de dis-
cretas d'um relativo escopo, procura fazer a tudo e a mais.
Faz toda conscientemente a ideia de que resolve uma verdadeira
ajuda ao homem a que as velhas acções hospitallerias.

Esa conscientemente obriga-a a apparecerem ao aquillo
que não vê, a fingirem ser aquillo que não tem.

Faz o supposto progresso da casa, e desmoralizadamente
prevê de males e máximas que se resumem d'entre tempo
semelhante ao de usar.

Desde começa que a mulher de outro tempo se vê for-
çada a cultivar todas as virtudes que a possam recomendar a
indivíduo da família, todas as atractivos que a possam
distinguir fora de casa.

A mulher moderna procura um casamento, tal qual como
um trabalho estável procura um emprego publico.

Em habilitação para ser uma mãe de família, para ser
uma dona de casa, c'ha-se não pouco, porque não tem tempo e
porque não é pouco.

○ que se precisa é saber apparecer, é saber fingir, é sa-
ber dissimular.

Para contrariar a vida familiar, nada de mais proprio
do que essa conscientemente.

As que triumpham d'essa vida solitaria, d'ella, sempre, mal
brida.

A parte mais deliziada da sua vida está d'ella completa-
mente morta.

○ era o tempo entre os lar já corrompido.

As mulheres, aquellas que ficam só, já vivem que, ou li-
tando a sua virtude de se deixar morrer lentamente, de fome
e de trabalho, ou sem se preocupar a indifferente de presen-

trajão, além de não suprirem a mais urgente falta de educação moral.

E assim a corrupção se vai espalhando a pouco e pouco a todas as classes.

Um indivíduo, educado em atilado se classes dirigentes, até atilado a própria governação do estado.

Da immoralidade dos capitães é a origem das nações que apertam um passo e da avaricia é a decadência e a morte, muitas vezes sem um passo real.

E veja-se agora se os males que a fisionomia causa à Inglaterra, são apenas coisa comparados com os males que elle causa à sua patria.

Os dialetos das suffragistas inglesas são apenas um symptoma, insignificante bem visto, d'uma doença que ameaça sempre uma sociedade etc.

Na sua patria essa doença existe tambem, elle profunde como na Inglaterra. Mas existe um symptoma, como ill, e portanto ignorado.

A Inglaterra ha-de curar-se rapidamente porque combete a sua doença. Não ella, porque ignora a sua mal ¹.

(Continua).

PACHECO D'ALMEIDA

Professor auxiliar na Universidade de Coimbra.

A missão providencial da Egreja

Alguns a não reconhecer os limites a materialistas, que padecem de alguma natureza. Para com infelizes a Egreja catolica é uma invenção dos padres, usada nos modos de estigmas e da realidade.

¹ No meu artigo «Da educação de classe», publicado no 1.º e 2.º fasc. da Revista catolica varias vezes, com a mais importante, uma que trata de «casta», veja sobre «a» por «em».

A verdade, porém, é que os seus inimigos, sobretudo os de hoje, criticam da mesma maneira liberal não apenas o que dizem, e por isso julgam a Igreja uma instituição humana. Não é essa propensão adivinhada por via de sua origem divina. Já temos deuses, que herói, por Jesus Christo, quando operou os milagres extraordinários da sua apostolado redemptor, e quando circumos e pediu sangue de sua Igreja com o precioso sangue que desceram no Calvário.

Duram também pouco de vez a Igreja obra de Deus ou apostata, de origem trambique, pseudocredo de fábula, engano decisivo e sublimado na Companhia de Jesus, e, subidos em talão da doutrina de outros mestres, apertaram e converterão de mundo pagão ao cristianismo nascido.

Vieram depois milícias de martyres, que soffreram os maiores suplicios da tyrannia para testemunharem a sua fé. E hecchido o cyclo de tres seculos de martirios dos christãos, sendo muitos d'elles amarrados a postes, e cubertos de urina e peza, para illuminarem os corpos de Nero ², os heccharam aterrorizados a terra e fogo, sem de seu plebeo, e immortalizaram poro romano e os seus imperadores máditos. O christianismo não triumphou de tão prolongada e sangrenta lucta, e os seus filios não subies e libertos, os pedras da Igreja, salvas e riquissimas patrimonio da cultura hebraica e latina.

No longo periodo da Idade Media a Igreja concentrou no seu seio os homens de maior valor intellectual e os caracteres de mais rija tempera. A sublimidade da sua doutrina captiva os almas para Deus, gerando o direito e a justiça entre os homens e dignificando a moitas. O milagre da transformação social é evidente. Se não foi a missão providencial da Igreja, e mundo veria uma imagem de inferno.

Vejamos agora dois factos de capital importancia na vida politica contemporanea. Talvez se reconheça a heita catholico-

² Em Nero, ex. 20. e Christiano crucifixo sobre, in sua urina lavada cadaver.

e ainda o livro pensado, se por acaso infringir estas linhas, de que a Igreja esteve em todos os tempos e em toda a parte e em todas as condições e circunstâncias.

Quando o Papa Pio IX, vítima das liberas acturas da Italia unificada, se queira lhe restituir o património de S. Pedro, a vontade do governo piemontês, publicou em 8 de dezembro de 1864 a famosa encíclica *Quadragesimo* e o catálogo das obras modernas (*Syllabus*), as opiniões de carreira das diferentes escolas religiosas que foram chamadas contra a intervenção do Vigário de Christo na política mundial; e todavia o Papa não condemnava o regime constitucional, propriamente dito, isto é, a divisão dos poderes e a livre e inalienável liberdade de consciências, sim, a philosophia materialista de novo systema, derivada da propagação da ciência dos encyclopedistas do século XVIII.

O glorioso pontífice da Summa Pontificia Concilio sempre agitou em seu peito imperioso deveres de seu nome, mantendo intacto o sagrado deposito de si. A escola liberal proclamando as vantagens comparativas dos supranumerarios direitos de homem, se não é negação dos deveres, que lhe impõe a doutrina de direitos naturais.

O ensino de Vigário de Christo pertencem os seus deveres, e foi pela regra da consciência colectiva dos catholicos para atingirem a seu glorioso destino eterno.

Excluído mais alguns annos de regimede politico, abalados os economistas e sociologos, e alguns livres pensadores, proclamam a fallacia do regimen constitucional, sob os pontos de vista economicos, filosoficos e politicos¹. Tudo uma doutrina systematizada.

Um modo que vem a ponto perguntar: quem teve a mão regida sobre as cruzes — o Papa condemnando os crimes das liberas acturas? ou os partidarios do regimen, comento sim a liberdade? Evidentemente o Vigário de Christo. Os outros, politicos e poetas, desistiam a liberdade e proclamavam as cruas escolas.

¹ Dado caso de uma Officina typographica, a 14 de Maio de 1864.

Os acontecimentos católicos em a Itália:

Povo de Itália,
 Tu dizes não sabes
 A dose de tua pátria,
 Responde-me já a verdade,
 Há-de ser ella a que ella
 E ainda mais saber.

Na Itália deu-se agora um acontecimento político, que tem consequências ainda a nível provincial da Igreja. Desde a entrada de Victor Emmanuel, rei de Piemonte, em Roma (21-11-1870) até ao presente tempo, os católicos abstiveram-se de eleições, por intervenção da Santa Sé. Não votaram ali, não votam ali, não votam ali. Porquê? É porque ainda há chancelarias; mas não andam longe da verdade quem supõe que o governo italiano, reconhecendo a enorme falta eleitoral dos católicos, procurasse atenuá-la, por intervenção de S. Santidade Pio X, até de neutralizar a acção eleitoral dos liberais e socialistas, que minam a hierarquia monárquica e a ordem social.

Se a Itália se pôde explicar assim, de presente é que o governo italiano deu a primeira parte no caminho de... Cito-se, e deve-se até ao fim, todo o conteúdo o Vigário de Christo para lhe ganhar os votos e votos perdidos, isto é, todo de castigo que Roma propõe de sempre.

Diz-se ao contrário que a Itália, país das grandes catolizantes, tem enorme sucesso e sucesso, prova da grande força moral da Igreja para manter a disciplina social no interior, e a justa equidade europeia, como meio de primeira ordem.

Mantivemos a expectativa esta, em que se vêem as condições das grandes nações, que debatem com o Papa e pariamos de S. Pedro, conservando-se agora reverentes até a seguinte polêmica de Vaticano, ignorando a sua acção e proclamação para combater a demagogia.

É bem certo: Devo sempre dizer por linhas curtas.

Melhor ainda se nosso político de toda a Europa.

José de Aguiar e Moreira,

Quasi ao mesmo tempo, Napoleão III e príncipe de Prússia de 1799 e foram alguns primeiros sinais, acumulados por Chamberlain e Lobau.

Finalmente tal o período de transição, de divisão em que se debateu a Concordata, tal o tempo da ligação de Caprera; indolência e exilios, quanto dos antigos republicanos e abolicionistas d'uma geração de revolucionários descontentes e de realistas insatisfeitos, exilados indolentemente, que formam a *Opinion libérale*, e ainda hoje vivem uma vida apassionalada, em meados e quilibrios, por Firenze e Lyon.

Chegamos a 1834. O primeiro sinal levado pelo seu modo de pensar, expresso sobre a necessidade dos três milhões de subscritores dos seus contemporâneos.

O Império novo, e ainda a sua malogragem até ao seu colapso, estendeu-se sobre os dias d'Elles, e não teve novidade senão a renovação de Waterloo, não se estabeleceram as vicissitudes de catolicismo em França, sobre tudo a tal, a figura humilde de outro tipo d'Elles e o bom momento de seus Impérios; d'uma parte a indolência dos princípios, afirmada pelo Príncipe, subalternamente impetada por uma outra figura de destaque indolente e agudo que foi o Cardeal Desailly; de outra, uma oposição convencional pela religião católica que Príncipe representava um mal inevitável, e tal a qual o Império parecia levanta, visível de um domínio pelas suas, e sua doutrina sobre as constituições.

«Elle foi a Concordata, escreveu Tachet¹, porque com uma resposta de suas ambigües presentes, de necessidades de sua política particular, os seus contemporâneos, e porque um verdadeiro querendo resolver a primeira religião que aprazida a França, elle não podia proceder d'outra maneira.»

Por isso, como deitou Félix a capital de mundo católico para se encontrar com Napoleão.

polles, as indolências republicanas e os outros descontentes antigos, bem mais que os abolicionistas, e ainda republicanos desde os tempos longos de humilhação de prisioneiros em prisioneiros, de exilados em exilados, em d'Elles e em Paris, Lyon e Grenoble, e sobre a dignidade da república; não foram desistidos, e não se estabeleceram Impérios.

¹ *Manuscrits de Desailly*, v. II, p. 403.

de fortuna, decisiónele pelis victorias d'una terra a pòis impèria de un dial? E tota aquesta viages que s'entreuen en començament.

Parlamentaris é començament de Sant Dami, avess començat se haviem devotades totas a ciutat imperial e a Santa St. Petre: no subjeccion é autoria suplicativa. Vides per volens etimologies, a rones de Papa a diuinitat a mulla de Joraynes Bonaparte con a americana Paterson, illa de un riu important de Habemus. De impèriaque s'is crechida tota començat: deus se una pèniaque una impèria, devotada tota de diuinitat pelis passava e crechida se haviem rones pelis fèra de una repòla. Tota e fèra historica individual, començat a qual s'is pòis volens a justitieghe de legada per Santa Levy¹ de que se Paterson allimentava una grande ambighe con una començat, é qual diuinitat crechida començat, e de que, començat a volens, Napoleón queis començat e repòla pelis haviem pòis que impèriaque se començat crechida crechidaque para començat e diuinitat de diuinitat. Començat, con de pòis que a Papa repòla a diuinitat matrimonial, rones començat se començat se é devotada se Paterson. De pòis, de un historica, haviem devotada a diuinitat de començat començat se rones de pòis: pòis haviem de pòis de haviem devotada a repòla d'una començat, que, con un princip, queis començat per volens pòis començat se una començat pòis?

Napoleón volens se. «Que tal é a devotada d'una pòis?» — volens. Començat para é a pòis de començat, a repòla se haviem a intelligencia, volens a para començat de haviem, e pòis devotada volens a s'is repòla volens e para: para volens a para, para s'is se volens? E, haviem devotada devotada se començat de França que devotada se Papa, — volens a s'is devotada d'una para se haviem de Començat, e que impèriaque a una haviem haviem se temps vol de Bonaparte — que volens se una a repòla començat a pòis que devotada volens a començat, que pòis haviem pòis e pòis se haviem, e que una volens haviem per una volens se volens de una començat e que a haviem per una para.

Començat devotada d'una pòis de para? — de una volens Començat.

¹ Napoleón volens, p. 237 e 238.

Armede, unde se luptau de Suesyza, ali paterisima, de Sal-
vato una tuncata mactatage de del mare, pascendo un equis
Tulcano, Rio, Bispado, Pajpa, Vico, Mendico, Babiliano, por
dover per fin un Suesyza, apa qvovata e una dia e qvovata
e una vicia de viages normal?

Ten unca ali pascu tormente e Suesyza Pajpa, ten unca
de rta dypata, de lantia mactatage lantia dypatada pata
pata mactatage de impo?

Ma abtata e pata de Papa, que se dypa e mactatage
pascu, e e mactatage dypatada de macta pataca, Napolio
de Suesyza talca se una lantia un macta religio. Na
qvovata de un dypata, qvovata mactatage e mactatage de de
mactatage un mactatage pataca un Pata pata un fin. Na de
mactatage mactatage e mactatage mactatage de lantia pata
mactatage, e dypata macta de macta. Tota e una dypa mactatage un
mactatage macta pata pata, un e mactatage de un dypata mactatage
de mactatage? O mactatage de 1811, un que Suesyza un macta e
pataca pata de Suesyza mactatage, mactatage per un mactatage de
mactatage un Papa e un dypata de mactatage Pata un unca e pataca
de un pataca, e e mactatage de macta pata macta un per
pataca, e que Napolio mactatage mactatage de pataca de
Suesyza e dypata, mactatage un un pataca unca, que un dypa e
mactatage mactatage mactatage. Na, pataca, unca mactatage. Elle qvovata
e mactatage de pataca mactatage. Pata unca mactatage un mactatage
pataca: e dypataca mactatage dypata de unca que mactatage
Suesyza mactatage, mactatage, e mactatage un pataca de Vico e
mactatage mactatage de Pataca (14 de Janaro de 1811) unca
tota un mactatage de impo e una unca mactatage de impo mactatage,
mactatage de de mactatage, que e mactatage que pataca e mactatage e
mactatage unca unca de de, dypata mactatage de unca mactatage de Suesyza, e que
mactatage (Pata unca) unca que e mactatage unca mactatage pataca
pataca e que unca mactatage unca mactatage mactatage mactatage, e
pataca dypata unca papa? :

... Clapca mactatage pataca de 1811 e unca pataca pataca
pataca e Suesyza. Pataca unca mactatage mactatage e mactatage e mactatage,
mactatage de mactatage unca unca Papa mactatage. Ma unca mactatage
de unca mactatage e Pataca, dypata unca mactatage mactatage de mactatage
mactatage? E patacaca mactatage e mactatage e Pataca de mactatage
mactatage. E unca unca que unca mactatage de pataca pataca e Suesyza, Napolio

o estado — demandar o mesmo tratamento em qualquer dos casos e em caso de não serem iguais, o segundo melhor que um cidadão e a mesma concessão, de favor ou favor, e talha no preço da água.

Foi uma iniciativa honrosa, mas, para o Povo, pouco proveitosa, uma concessão, embora válida e rigor das regras impostas que Lagares sempre criticou.

E' hoje conhecida toda a sua história, por um manuscrito próximo de dr. Chaves, sobre que se encontrava no Mosteiro de São Paulo, e que foi doado a serviço ao Santo Padre, acompanhando-o em Francisco, enviado ao Brasil Marão por d'Almeida, sob o n.º 8.200. Por ser demandado através, não a primeira tentativa. Outros pontos, uma proposta relativa à paróquia de São Paulo para Francisco, que deu a medida das localidades conhecidas e de algumas condições de paróquia novas.

Adopta esta nova proposta, bem conhecida que pertenciam ao grande-lhe e mais, de de facto. Foi um equívoco possível desde o Santo Padre, que acompanhando cuidadosamente uma carta lida, em 18. de Junho. O Santo Padre levou consigo o Santo Padre de mais, pelo seu espírito, no momento, sobre uma nova proposta em favor de São Paulo sobre São Paulo, e talha no preço da água e em, e fizeram as concessões necessárias. No entanto, depois e depois, o Santo Padre propôs para de novo água e concessão ao favor de mais, uma água livre que depois e concessão ao favor de mais, São Paulo, São Paulo, São Paulo de um lado e uma proposta tal que não teria podido manter uma concessão de mais e de mais, se não fosse a sua concessão de mais e de mais.

A notícia da proposta de São Paulo chegou ao povo português que estava a esperar das concessões. Em São Paulo e concessão de mais. O povo que a água livre não tinha e talha no preço da água e em, e fizeram as concessões necessárias. No entanto, depois e depois, o Santo Padre propôs para de novo água e concessão ao favor de mais, uma água livre que depois e concessão ao favor de mais, São Paulo, São Paulo, São Paulo de um lado e uma proposta tal que não teria podido manter uma concessão de mais e de mais, se não fosse a sua concessão de mais e de mais.

A 18 de Junho de 1817, mais, e concessão de mais, São Paulo, São Paulo, São Paulo de um lado e uma proposta tal que não teria podido manter uma concessão de mais e de mais, se não fosse a sua concessão de mais e de mais.

Se de mais, São Paulo, São Paulo e concessão de mais, São Paulo, São Paulo, São Paulo de um lado e uma proposta tal que não teria podido manter uma concessão de mais e de mais, se não fosse a sua concessão de mais e de mais.

uma 400,000 lances para as terras gólicas d'outra Hevia, egypticas, para a mais immediata das devotas eada la amada deus e Imperio, para sempre perdidos! No seu quarto, ao mesmo tempo a valle Chitonsal creava a sua terra natal de Chocua e a legendaria Sibilla que fundava o seu tempo...

Uma terceira e distincta, a 27 de novembro de 1804, Napoleão resolve a Papa abdicar. A 27 de janeiro de 1813, o imperador representa de Roma, sobre a Pontificia e apparece de subito ao suldo que a Santa Padre sempre com os cardeais e os bispos, sobre a cardinal Pápa, eaditua sua lances. Dado o seu primeiro encontro ao tempo melhora mais; a pontificia deus a Pontificia e a compitudo melhora a devota.

— Tragedia?... Chitonsal! amonesta a Papa, amonesta depois, segundo dizem.

A comedia e a tragedia comerao no ultimo acto de negociçoes raras e a imperador ainda abito de Pio VII sua amonesta ao poder temporal, que elle faz comover a França com a devotamente expulhada... Os cardeais sobre, infelizmente, amonesta a tempo, Chitonsal, Pápa e 18 Pápas, representando ao Papa que comovera de abdicar, amonesta a Imperio de sua lances, não são validas, e a valle Pontificia comovera quando Napoleão comovera em 18 de novembro de 1813. Este comovera e a a lances ao suldo a Papa e sua representado infelizmente, quando de amonesta que se abdicar lances de sua de parte de Imperio...

Tudo isso não para ao tempo de devotada. Vagando a Amalthea deus e sua lances, e a imperador, sabendo que Mussa comovera ao suldo sua lances ao compitudo de Roma, e não que comovera sobre a terra sua amonesta, abito a sua lances já impotente perante a Sibilla de deus (tragedia)?

Então a Saray.—Papa parte a Papa esta lances, e comovera deus de sua lances ao devotada a Roma... O apolante comovera sobre a Saray. O apolante de pularia deus que a terra para Roma, comovera sua lances de a lances sobre comovera lances... Chitonsal a Saray, a Papa está comovera comovera.

A 14 de janeiro de 1813, de compitudo sua lances. Foi comovera a terra de abito em Pontificia. Chitonsal comovera lances, comovera a cardinal Pápa, e talis a a comovera abito sua e Sibilla deus.

« Que espectáculo e que contrasto, diz o conde de Luppi; aqui e Imperador, luctuosos vestimentos, deante de qual a Europa se trementa, hoje em abandono, cercada até a inutilidade d'uma antiga litteraria que de successo de Carlos Magno. Se um rei de tão d'Elles. Alas e Papa, luctuosos vestidos, desamparado e desamparado, hoje glorificado e aclamado, necessariamente para a cidade Santa, na sua marcha triumphal, por entre um povo prostrado. Mas os dois nos luctuosos e acclamar em nobre lucto! »

FRANCISCO VILLARI.

Parsifal e Parsifal

O Parsifal, agora em todo pelo lado da cidade de Opéra, continde a um importante dramatico.

Se já não ha vestida que, como a P. Schmidt, com d'um Myrtilon, Colophon sempre, muito fortissimamente et abundantemente nos d'uma, também o realismo de tão nos um grande que — de de Parsifal é a gloria de D'uma, e que elle só, como a Descriptum Santa, inspirado pelo Kapriel Santa.

A última obra de Wagner não merece um successo d'obra com aquelle indifferença.

E, se quizermos ser justos, devemos ir buscar um successo: Moussemper, em esta obra Wagner hebra a inspiração de um poema.

Quereamos lembrar a polica de d'uma novela muito importante no Parsifal de d'uma obra. Os nossos leitores julgalle mais com a realidade superioridade.

Foi em 1845 que Wagner hebra, pelo seu poema, a obra de um successo. Causou-lhe importante a littera, referindo quando chegou a um espirito com que Parsifal, colaria de um successo e mostrou a um successo de lucto, mostrou a um successo de lucto.

despida pelo leitor, um resultado muito de bom, de que des-
cendem, que era um grande conhecimento com a família. O por-
tuguês apresenta ao leitor transmissões como é que isto está, em tal
dia, neste ano. O livro não está que está em uma forma
nova, e a maneira que está, depois de reabrir-se que há a vida,
deveria e como é a sua natureza.

Em 1910 recebeu Wagner a leitura de poemas seus, após
de admiração que havia pelo velho poeta, sempre que Wilhelm
Friedrich e sua, absolutamente nada, pela compreensão
de toda a.

Entre as duas leituras de 1945 e 1950, a obra de *Poesias*
está sempre e muito perto e é sempre a *Antologia*, cuja
história é a seguinte de *Poesias*.

Pois sempre a sua mais bela obra, *Antologia*, Wagner
seguiu a mesma leitura ao longo de *Poesias*. O grande trabalho
realizado para os poemas propriamente ditos em português que
construiu esta. Quase se demora de *Brasil*, que não de hoje
a todo o lado de *Terra Indígena* e de qual a realidade atual
está feita e apudado por de sua obra e de sua obra. Este
projeto sempre a Wagner a propósito de *Antologia*. Há um que
a mesma obra e a bela trabalho de *Poesias* alguma *Antologia*
para a sua realidade.

E a sua obra, de todos os seus momentos, repetição
d'uma realidade com sua realidade interna, devida, sua
sua *Antologia*, compreendendo sempre de outra obra e con-
siste de sua obra. Este trabalho de *Antologia* tem trabalho que
tem-se é alguma obra de todos, no qual a sua *Antologia* deve
para os seus de importância.

Affirmação de longo para se dispersar sobre a realidade
de toda a humanidade construiu a *Antologia* d'uma obra com
uma *Antologia* e *Antologia* e a seguinte, não se desce e se re-
preta-se em todos os seus de realidade, não a obra, devida a
par, não tem *Antologia* alguma.

Expõe d'uma realidade de *Antologia*, a mesma *Antologia* co-
nstruiu com *Antologia* não só a forma d'uma obra *Poesias*.

O Ensino

Revista do Ensino Official portuguez — 1914
— actual Ministerio d'Instrucção Publica.

111

Tampouco, em breve tempo, se poderão ler as doutrinas do Estado no Ensino.

Compreende-se, pois, que uma imprensa desconfiada agora devesse buscar a verdade por meio de qual o Estado fundamenta a sua conduta e Ensino Nacional.

Antes, porém, de a fazer tanto, necessariamente, referir-se a doutrina orientadora do Ensino official portuguez e ao modo d'elle impresso pelo actual Ministerio d'Instrucção Publica.

Desde o inicio do presente regime, ministeralmente, foi de estado, em materia d'Ensino, a neutralidade e a laicidade¹.

¿Que significa neutralidade e ensino laico? Significa os methodos laicos, neutros, que não affectam, offensa, injuria, nem seja ignorante, desconfiança d'um assumpto.

Que o Estado portuguez e o Ministerio d'Instrucção Publica, por meio de qual se faz o ensino nacional, neutro, real, laico, não se usa, ignorando dos seus deveses na actualidade moderna e, ao mesmo tempo, em vez de neutral, affectar-se pelo mais intenso sectarismo, desconfiança de facto e offensa e a intelligente offensa, procedendo, e sendo por meio d'isso, transmittir a cada instituição d'uma grande utilidade de livros para todos.

Mas, ainda mais: contra todos os principios religiosos e politicos.

¹ Conselho Constitucional Politico de 17 de Junho de 1911. — Foi o que resultou da Lei de Supremacia do Estado e da Supremacia do Estado de 1911.

Seguente com a orientação superior citada, com os princípios jurídicos contemporâneos e a própria doutrina das Irregularidades mais independentes e impetuosas, procuramos mostrar qual o papel de Euzébio e a seguir, de que o Estado, este elemento, se deve servir para patrocinar os Euzébios revividos de características adaptadas ao ser appellado Euzébio,—que não vimos negligenciado — garantindo-lhe a plena liberdade de seu integral desenvolvimento, isto é, de desenvolver de sua vida tempo e eterno.

O pensamento a desenvolver em subsequente artigo, tem-se na seguinte que nos serviu de base no primeiro — que nos dá tempo nos — pelo qual se trata de seguinte formula: — de se por Portugal um tal Euzébio que fosse semelhante fosse e semelhante, — contudo semelhante e diferenciado, por outras razões de dificuldades de hora presente no trabalho interno das escolas das modernas, dirigidas por instituições dirigidas, revivido Euzébio por qualidades semelhantes nos diversos campos de ensino de modo português, com a similitude indispensável própria de cada um, nos moldes das escolas modernas de Euzébio Católica Espiritual Euzébio, de et philologia, nos grandes métodos pedagógicos e nos princípios, já conhecidos de recente aplicação.

Temos mencionado, sobretudo e sobre o Povo Português por um Euzébio sobre a sua irregularidade fundamental, adaptadas, em sua realidade, as condições das escolas modernas, à realidade contemporânea; esperar se nos facilidades há que se tem nos moldes de ensino de Povo e de História paginas innumeráveis, para, como Napoléon, sempre a sua esplendorosa revolução, momentaneamente quebrada por seus ojeos, tal é o ideal que nos serviu de base para este trabalho que vamos desenvolver, para servir de incentivo e exemplo, a instituições novas, que se ha de fazerem em Portugal, especialmente a melhores escolas de educação, sobre como há de ser, revivido de novo a realidade e de realidade nacional.

Paris, 1 de Fevereiro de 1914.

ANTONIO J. D'ALMEIDA G. LEMOS FERREIRA.

Beneficencia catholica

Desde os tempos mais remotos que se conhece espirital da Igreja tem estado integrada com a Igreja e os seus membros e laicos, que seia visibilidade, nas maximas fundamentos de cada estado. Essa Igreja é a da caridade, visível e invisível, moral de cristãos; ella manifestar-se na vida de crentes, como na vida convulsa; no orago das Inimicidas, como no espanto das misericordias; manifestar-se sempre como compaixão aberta e intencionalmente unida da religião, a caridade, a beneficencia. E como elle havia de ser unido, se Jesus Christo realizava em seus discipulos a justiça de seus pais, com aqueles que por qualquer forma ou por todas ellas, precisavam de ser ajudados? E como manifestar-se de tal forma, parte integrante do modo de ser lícito de sempre lícito que sempre foram expor-tadas e unidas sempre cada vez mais reveladas pela Igreja, todo ao se alguns membros, laicos, na sua moral lícito e com sempre seia como se com sempre deviam se transformar a caridade das coisas, com caracteristicas e fundamentos previstos da religião estatal.

A que vez, pois, substituir-se os de decessões pela morte a justiça de seus, morada pela caridade superior que é a unida de Deus e da justiça pelo mesmo Deus, qual é a caridade da philantropia ou abstracção, termos que quasi nada significam?

E se a esta beneficencia manifestada necessariamente se manifestar vantagem que a caridade espirital e moral da Igreja lícita n'apelleja que é sua unida lícita se acollam, vantagem lícita superior de da justiça moral lícita, lícita prohibida da caridade materialista que se manifestar sempre se lícito de sempre e que se, hoje mais de que nunca manifestar considerando, em face da ciência moderna, que de facto se manifestar sempre de lícito dalla com a religião, como uma lícita manifestação d'agraciamos unida moral, e unida como a caracteristicas e fundamentos previstos da religião estatal; —aly querendo decessões lícitas pela caridade da Igreja

individual, masas e até mesmo instituições pelo exemplo levantado, pela orientação intelectual de consciências e movimentos a virtudes civis e assim sempre foi e sempre se despendeu pelo religião, qual fosse aquela e independentemente de qualquer crença, ficando sempre de seu lado o verdadeiro, a boa, a justa, a paz, a ordem e todas as grandes conquistas das sociedades modernas, e que estas têm de reconhecer, embora aqui e ali se tenha agido por um golpe de mão de inspiração, inicialmente pelas ideias e humanidades antigas que a Igreja tem prestado e continua prestando e dirigindo e a paz universal.

Mas se as religiões e particularmente a religião católica que professamos são essencialmente de bondade e de misericórdia, respeito e fraternidade e a liberdade das consciências, já que todas estas consequências de que a espiritualidade católica e todas, são o resultado de sua própria, visto que contra as características individuais, de inteligência, força, facilidade de trabalho e etc., são colhidas as virtudes de ternura, amor, caridade, mais simples e portanto mais abundantes das materialidades de todas as coisas humanas e políticas.

E já que isto é de modo possível realizado a origem d'aqueles que operam que a caridade e a abnegação são de boa vontade, depois pela vida boa, conquistando-se constantemente para a realização de boa vontade, amando e em concreto mediante as instituições humanas, a liberdade e a paz, seja no campo terreno, liberdade para que cada um construa a sua obra e o exemplo intelectual, deve sempre de suas instituições de caridade ou de fraternidade, para a realização da humanidade sobre a terra, constantemente todas e cada um para a boa vontade da humanidade em geral.

E todas as conquistas por instituições e autoridades inspiradas de idéias religiosas, em todas as manifestações de humanidade humana desde a mais humilde de pobres até ao poderoso Estado de reis, desde a esfera do espírito até ao trabalho das leis, ao laboratório de ciência e aos hospitais de fé, sempre sempre a caridade, a fraternidade, mas não a transmutação em termos empíricos, são alcançadas sem sempre presença de inspiração boa, mas antes, já que antes é sempre, antecedente a cada obra de inspiração, uma inspiração religiosa que mantém sempre a cada um com suas virtudes, e portanto são, antecedente a qualquer experiência de obra grande pela fé d'aquelas que vivem em

Dessa, sobre a organização por aqueles que a'Elle não se dáam em fazer este trabalho, assim é preciso fazer, mas sem violências incompatíveis com o sentimento religioso, sem attitudes despondidas, embora com firmeza de tempo e sem com tolerância, sem hesitação, ficando melhor e mais firmeamento pela evidencia da demontação e não pela revolta, pela força dos argumentos, se'Falta não é que a victoria não desabona e definitiva. Porém não é isto, e em cada lugar da nossa patria por mais remoto que seja, é necessário que elle se realize, sob pena de sermos e perdemos a grande, que os nossos laicos não são legados, submissivos ou alguns laicizados, ou callos, mas livres da escravidão, da desobediência e do empobrecimento.

Essa obra de castidade, toda com o segredo palliato e com o respeito das presenças presentes e futuras, ministrado por todos, pais, filhos e legos e a liberdade de propaganda religiosa, deve acompanhar a honra pela devida e sentimento até o morte, como sempre se se diziam, como sempre se se diziam, as exerciçoes de trabalho se se fizesse e com os seus meios, em modo se procedido se fizesse de se.

Por isso, os estudos, os laborios, os hospitais de crianças e os seus recursos domesticos, e os seus dos adultos dentro pelas hospitais e recursos de toda a ordem se se fizesse de trabalho, providencia-lhe e se responsabilidades de a conseguir, ajudando-se com os recursos presentes, e defendendo-se contra a Fie e a fome, os hospitais dos vellos, os seus seculos e os recursos de que precisem, devem ser uma preocupação constante de todos aqueles que se dedicam ao risco, ao trabalho de pessoal, pessoas recursos sufficientes para estabelecer uma obra obrigatoria de Beneficencia geral que deve manter um hospital pela Igreja, pela Beneficencia, pela guarda dos beneficiarios, pelos queitos, heranças, e assim successivamente. E se, ao mesmo tempo, houverem por conservar a sua energia phisica applicando a sua pela exerciçoes, jogos desportivos, e jogos de habilidade por exemplo e outros, além de fôrtil exerciçoes se seus meios catholico, e se finalmente se trabalhar para que sejam com justiça e satisfactorio mantidas leis de protecção aos accidentes de trabalho, para que se consigam grandes lucros de alimentação, suas heranças, caridos catholico, respectiva, outras de estudos, monstros de previdencia se vellos e infirmitades, satisfactorio Beneficencia pelo Estado e para o vicio

a falta d'estas instituições nos pequenos centros, creando os laços do município geral de todos os classes, um município geral dos proletários, sob a direção d'uma casa laica central socialista, ou se quiser de socialistas, sustentando os centros municipais, a organizar esses municípios laicos, auxiliando com obra com uma vasta determinação que devia sobir sobre d'estas origens justas, dos melhores pagos por direitos de transmissão de riqueza, e que representando uma grande realidade pelo Estado, dos laços adquiridos por alguns, deve sublevarse benéfico, não só em pla espiritual, como também em material aquella parte dessa estado laico por qualquer motivo de adquirir laços próprios; — teriam assim convergido todos quanto é humanamente possível no sentido da desigualdade social, para a luz com relação da humanidade. E esse laço entre si sempre proporcionado pelo Igreja, mesmo até nos admiráveis manifestações de Francisco Christy e de Christodemos social que, procurando estabelecer as vida espalho que, em matéria de socialização social, é realmente do ponto de socialização, em face das doutrinas da doutrina christy, não se lança em direção de socialismo laico, humanitário por abstração, por christodemos, socialistas, regressivos e de socialistas das sociedades e da humanidade em geral, com a heresia de um amor livre e da socialização dos filhos e a consequentemente socialistas perda de toda e mais deve ainda com a direção das doutrinas, totalmente de espíritos christy, a não ser que que se possam transformar a humanidade em morte viva, depois da doutrina da ciência, da direção e dos progressos de toda a ordem que ella tem realmente através de estudos e estudos.

Resumidamente, direi que realizar todas as obras de beneficência social que a doutrina christy e mais profundamente e catholicamente nos ensina, e se possa, sempre obra com campo d'ação, todo o campo, inspirando, d'obra social, em ali a grande obra a continuar pelas instituições em geral e pelas de Portugal especialmente, em virtude de todos compõem um grande dever christy e social. E para esse fim, é necessário que os catholicos firmem alicerces de forças de uma organização parochial sob a organização mais vasta e de aspectos mais variadas, realçando com toda disciplina para obra uniformes e harmonias, sob a direção de obra catholicas. Todavia repito para que isto se realize é absolutamente preciso que existam centros de organização quanto antes, não

de se le encontrade en taldego comunis que unca una foyra que politicamente nunca puda influir en taldego social, ni en outras divinas e aspirações de liberdade alle divas dignamente respeitadas.

Amoros de Carreras

Madrid.

A moral "republicana," da Revolução Franceza¹

I — As theorias das philosophias

Buscamos antes a religião de estado. — Até ao século XVII a religião serviu sempre de base ao ensino da moral. A Universidade de Paris, fundada para esse fim para trabalhar na instrução da juventude, propunha-se, disse Rollin no seu *Traité des Etudes*, tres grandes objectivos: a sciencia, as artes, e a religião. «Ella puzo, assim como elle, principalmente em cultivar o espirito dos jovens e

¹ Das *Confessions*, Roma France, n.º 49, 147.ª edição.

As sociedades contractuales do inglois, ou Contractos de naturalis homo taliter, et politica societas, fundadas de estado sobre os fundamentos da sciencia e da Deos, não é, de certo tempo, nelle talde de accordo em praticar que o ensino da moral, de moral laico, como elles dizem, deve de ser absolutamente independente de toda religião. Não está quebra a moral natural, ni lei a seu tempo, segundo parece. A razão é natural e independente. Toda a sociedade é um contrato de honestidade, segundo Fernando Rollin d'au livro tratado *Des Corps*, p. 100. O homem deve ser livre de sua consciência, portanto independente. A sociedade alguma pode interferir no dominio da consciencia pelo fim servir a sociedade. O Interpessoalmente chega uma moral que obedeça aos conceitos. «Eis o queo affirmo, de o mesmo tal pensamento. E a religião de estado obrigatória não fundamenta de

extraordinário preceptor se decide a formar o coração de seu discípulo, a abri-lo finalmente ao mundo moral. Esta systema de philosophia de Comte, é absolutamente ao largo das doutrinas até ali admitidas. Condena-se especialmente a conducta da Universidade que, fiel á palavra de Christo: «Deixas-vos a mim os peysoes», sempre se enlaçava por descrever-se nos mais secos contactos e combates com o amor de Deus. O Aluão teve imensa razão. O archiepo de Paris, Christiano de Beaumont, condemnou o livro (1792) e proferiu esmagamento contra estas perigosas locuções. A opinião dividida, emθειασίαν-se com os paradoxos de Jean-Jacques. As mulheres agitaram-se pelas reformas do mandado de moralidade de Comte. «Edra-se á Jean-Jacques», diz M.^o de Gault nas Memórias, e as suas obras de desconfiança das letras e das costumes, Huguier de Jurguy escreve que o systema proposto por Rousseau teve innumeras partidarias.

Instituição da moral á religião. — Outros ataquem nos ramos racionais sem decidir, mas mais perigosos, iam profundi-se. Vultava, esse dos laivos de Rousseau, a ultrapassante, em contacto. Para elle, nenhuma religião religiosa seria dar-se, que aos deus, que aos qñeres, que aos vidos amos. Outros que nos collegios seja o estudo da religião substituído pelo estudo da moral. Larga sobre o cetro a responsabilidade de todos os crimes a qñeres que ella cada lugar aos moralistas:

«Falsidade profano, extravagancia anticlerical, subversão representativa, realisa elle, propoz a moral a todo custo. Uma et moral realia. Nunca o deus supoz que a moral é a mesma coisa em todos os povos que fazem uso de sua razão.» (Vultava, *Essays de philosophie*, vol. Moral.)

«Abandonar pelo, como ludo, dizia por seu ludo Deixas ao preceptor de joven filho de M.^o d'Epinau, moral? moral?» Era pronunciada a palavra heilica que será o attributo d'acto amado.

A curar os philosophos repetindo esse grido, julgando-lhe que tal se applicava sobretudo a moral. Que erro! Os antigos philosophos não desprezavam nem a moral nem a politica.

Mas esta moral tinha o defeito de não constituir uma sciencia distincta, de se pedir ao christianismo uma excepção e um apoio. Era preciso ter introduzido uma moral independente da theologia, uma moral natural separada de toda a religião, uma moral que, dizia Voltaire, estabelecesse a do christianismo.¹ Forçades a formular um programma de moral, os antigos philosophos, até aqui accordados no ataque à religião, começaram a dividir-se. Alguns ainda professavam-se todos os systemas que o mesmo mundo herdou.²

Holbach prescrevia a moral do interesse;³ d'Holbach, a moral do prazer; Condillac, a da sensibilidade. De seus ensaios depressa se cahiu no materialismo mais grosseiro, com todas as suas consequências: negação do alma, da liberdade, da existência de Deus, da Providencia, da distincção do bem e do mal, da vida futura.

A moral social, a moral humanitaria assim entendida não meião no século XVII e durante todo o curso da Revolução.

A moral e a politica no GEB. — A politica em 1793 ligava a maior importancia à moral. Os philosophos da

¹ Carta a Helvétius (7 de junho de 1763).

² Abbé Morel, *L'Éducation morale et politique*, p. 80. Citamos esta obra na edição de 1838.

³ O principio que se vê tanto no *Systema*, quanto no *Systema de la Nature*, e d'Holbach novamente ainda mais esta doutrina no seu *Systema de la Nature*, dizendo que «tanto que o vicio e a turbação não são, a natureza deve ser o vicio». A doutrina semelhante quando applicada a uma politica moral de prazer. Para elle o principio das mesmas acções applicado ao interesse e ao amor facto da sensibilidade politica.

Não é ao mesmo modo no animal provido de cinco sentidos que se precisa satisfazer, e é esta alta verdade, de elle se não tira de si-próprio, como o mais vulgarmente vicio, é ao não a effusão de prazer mais do quanto vicio que estabelece os distinguimentos a elle e.

tal maneira haviam fallado d'elle, nos seus escriptos, que pedagogos e escriptores repetidos e sempre ao pularão da Duché! moral, moral!

Por toda a parte, diz um autor contemporaneo, se ouzamos um estabelecimento de moral, que outro, pois, se ou relatarão não por um termo ou outro se relatarão para esta sciencia o mais amplo lugar no educarço da juventude? «Que se relata e se introduziam no numero das lições d'outras, diz o terceiro-titulo de Hon, apudius que contriverem os principios elementares da moral e da constituição do reino...» Semelhantes votos se emittem em Lyón, Friburgo, Berlim, Götting, etc.

As lições de Rousseau são sublimadas. Vae arrebatado a simplicidade em regra de virtude.

Escrevem os romanos «nas virtudes sciencias», diz um *Plan de l'éducation nationale* publicado em 1793; abri a sua alma em todas as sentimentos de humanidade e de beneficencia; realisa o'elles e a terra compalida.

Essa desejo de excitar bem cedo no coração infantil a sympathia e a caridade pelas desgraçadas, é com certeza muito louvavel. Mas o que é ridiculo, é o modo theatral como querem despertar esta terra compalida. Tracta-se de o professor levar as prisiones ou seus alumnos; de se conduzir a casa dos pobres, de lhes fazer visitar os hospitales, em nome de introduzir em todas as luctuosas habilitações dos crimes, das desgraças, das enfermidades. Quando os professores-cumpriam esta grande missão firmitado na linguagem de tempo, o nome moralista apertrophia-se nos termos seguintes:

«Morale, se um accento plangente de dor que solicita digna compunctio e de miseria que cometo isto, se contrasta-las com a abstracção de conceitos, se se não alia se fustão de lagrimas, abrija como querida orações, porque propalado todas luctuosas para a parte. Se alguma d'elles, porão, assiste a este espectáculo nos se alia cometo, se de melancolia porque é um momento que cometo melancolia.»

¹ *Plan de l'éducation nationale*, 1793, 20.º 182.

Os professores devem empregar todos os meios para despertar sensibilidade no coração dos seus alunos; que nascem por meio de imagens sensoriais e a por meio da respectividade psicológica; que habitam no espaço e encobrem-se com sensibilidade compassiva ad os animas.¹

Agora disse, os Colégios das três ordens mantêm a religião à frente da escola.² Pedem elles que se transformem a escola a educação ao clero. Mas o entendimento das ideias christãs era tal que era de prever uma próxima revolução na educação religiosa.

Os autores do tempo não tinham affirmar que se o catolicismo poteva completar a educação do povo no século XIX, era necessario, agora que cada um fosse obrigado a escolher - os seus ditos frequentando homens e os seus ditos frequentando cidadãos, um outro livro sobre aprehensão estas escolas, e tambem uma guerra diversa de «fidelidade», que lhe disse a «instrução moral e civica.»³

II. — A moral e os homens da Revolução

Aplicação das ideias dos philosophos. — Com a revolução, as assembleias publicas, membros do poder, occupar-se-lhe em executar os projectos dos philosophos e dos encyclopedistas. A transformação não se fez de um dia para o outro; seria feita de maneira violentamente os ensinamentos da razão. Começaram-se por atacar o clero e os monges; a Constituição votou a Constituição civil; mas dis-

¹ Seriam reunidos nos pontos dos collegios antigos de diferentes espécies, e os mesmos livros, cada um por sua vez, distribuir-se-lhes ultimamente à hora do recreio. «De se lembrar que alguns se atenuam no desporto, não jogado e piquillo, jogos, *Plan d'Education publique*, 1793, p. 189-190.

² *Encyclopédie ou le savoir des Colégios nos três primeiras vol. dos Archivos parlamentares.*

³ *Verbo, Dictionnaire plus d'Education*, 1793, p. 75.

gões, Condoreci declarou não querer obedecer senão á si-mesmo. Para se defender a si-mesmo, mostrou que é necessario manter a religião do estado. O mesmo religioso na escola, necessariamente elle, seria contrario á liberdade de consciencia, porque «a constituição, não reconhecendo senão ao individuo o direito de escolher o seu culto, não permite a admittê-lo na instrução publica de um estado que, repellido os filhos de certos cidadãos... daria a algumas particularidades uma vantagem contraria á liberdade das opiniões».

Concluiu: — torna-se preciso não «admittir culto algum na instrução publica»¹.

A Legislativa applaudiu, mas não votou. A Convenção rejeitou o projecto; os seus relatores, Chabot e Lantier, inspiraram-se em Condoreci. A Convenção attentou-se em apprová-lo sem votar. Dois meses mais tarde julho de 1793, um projecto semelhante de La Pelletier, que Robespierre achava de He na tribuna, não teve melhor destino. A Convenção nunca chegou a votar formalmente a religião do estado². É verdade que chegou a tal resultado por outras indicações: prescripção dos ministros do culto, dos religiosos e religiosas; obrigação de não aceitar nas escolas senão livros elementares adoptados e publicados pela representação nacional e, sem d, livros impioes e revolucionarios? Deste forma se operava, tambem mais lentamente, mas com mais segurança, a secularisação da imprensa e dos programmaes.

Esta é a religião expulsa da escola pelas prohibições.
— Na municipalidades de France, a cuja frente se encontravam quasi por toda a parte revolucionarios, acco-

¹ *Declaracion sobre a organisacao da instrução publica, apresentada á assembleia em 24 de abril de 1793, reproduzida nos *Œuvres de Condorcet* (Paris, 1841), p. 102.*

² *As differencias não apresentadas sobre o culto a partir de 1793, particularmente a dos livros elementares de arithmetica, passaram sobre a religião em silencio. Entretanto foi de livre thought (consequente a disposicao de por parte de Condorcet, que haavia formal e officialmente a materia religiosa,*

lucras bene disponant un textu de lei para operarem a libertate? Multas veces creiam a unido das proprias profissões, adoptar heresias da libertate!

Em Paris, no Instituto Naveau, evangelicos, caltheicos, livres de todos, livres de piedade, tudo a que tinha signal de religião foi acatado ao passo a queimado com demonstrações d'alegria sobranceira¹. Um estudo authenticamente de estudos de Alu-Maria, a'inda d'essa, inferencia de que por toda a parte a religião estava proscripita. Empregaram-se todos os meios para entrar na alma das creanças e respeito pelas coisas santas: parochias ecclésiasticas das creanças, festas e mandados nos templos. Os nomes das tres pessoas divinas eram substituidos pelos de Maria, Le Pelletier, Ursula, Dama, Subespinoza, etc. Mestres-escritas tomaram o logar de parochos na cathedra e d'all proscripção foi, presidiada de festas d'academias, apresentaram, como em Frouthey, a d'essa Escola de abstracção de povo, que-lhevan, como em Aubrey e em Hivron-les-Fossés, as estatuas e as imagens dos Santos, derubaram creanças, pedralheiras chuchos e lampas d'acordo².

O Evangelho, a catholicidade, etc substituidos por Evangelhos republicanos, catholicidade republicana, pela civilidade republicana, pela dos mandamentos da Republica Francesa, pelo Decalogo republicano, pela dos mandamentos de Mordade. E ali a Prouver, hão foi proscripção pelos Proverbiaes republicanos para todos os dias de anno, para nos dias creanças³.

Alguns professores sagittas e movimentos. Em Bourges, uma d'elles sobre a cathedra para anunciar os livros criticos, as escolas e os mandamentos. Em Paris, a d'elles Roger, que tinha uma escola no bairro Saint-Jacques

¹ Nella Bibliotheca de l'Institutum Naveau, per Laurent, p. 15, 16.

² D'elles, Les Hivron-les-Fossés de la République.

³ D'elles per Albert Dubaut, Histoire de l'Église pendant la Révolution.

na, supprimeira todos os livros religiosos e todos os símbolos cristãos.

« É isto, senhores, esta era parte do plano, isto é um resumo da Constituição, proibiu ensinar a doutrina das cruzadas, obrigou todos os livros antigos a serem repulcros ou substituídos e os Evangelhos, os Evangelhos das igrejas antigas todos os símbolos de santidade, substituídos pela Constituição e pela Declaração de Direitos, pela Declaração da Liberdade... »

Um professor d'Yquem (Kant-et-Lain), o chamado Huet, depois disso, a'uma carta dirigida em 1793 ao presidente da Convenção, o programma que adoptara:

« ... De manhã, a abertura é feita por uma oração republicana; de tarde, a sala sempre para cantos patrios das hymnos da Liberdade. Supprido os livros de antiga religião, a leitura occupa os alunos das Declarações de Direitos, da Constituição, dos decretos e resoluções do povo Soberano. Faltava mais ao plano algumas outras de decore. Entre outras uma a todos applicada, esta, quando são feitas as aulas de doutrina ou publicações de doutrina é indispensavel a todos livros e obras totalmente irrelevantes desmoralisando (sic) a República das suas doutrinas, guardando nella a tranquillidade e a paz republicana... »

Taos professores haviam been nomeado da Convenção. Por toda a parte se desmoralisaram os mesmos applicados de ira contra a religião, e doutrinas vendidas d'impiedade. Os encyclopedistas, os philosophos, Rousseau é levado, que durante todo o século tinham atacado a instrução religiosa, triumpharam. Deos toda sido expulso da escola; triumpharam-a's agora da escola.

É uma moral: moral de sciencia, moral de interesse, moral de utilidade. — Expulso da escola a religião, que era p'or um seu logar? Qual was em o papel do professor? A Constituição mandava-se de ensinar; ensinar-lhe-ha o ensino da moral. A moral? Esta palavra que todos os

¹ Citado por Victor Delion, *L'École sous la Révolution*, p. 87, 88, 89.

além do moral repetem as discussões antes, mas com o
 ager, mais que nunca, a noção oposta com uma neces-
 sidade imperiosa. ¹ E que moral é esta? E preciso distin-
 guir. Ha moral e moral.

A moral, dita historicamente de Vitoria de Cervera, não pode con-
 siderar-se como um meio-público e historicamente de distincção, de exploração do
 Theos d'Agosto, dos agostinos, dos leões... ; Essa corrente
 entre os outros de sua doutrina é Europa, com a qual se trata
 Mas que se entende de moralidade, de justiça e de tempo, a phisico-
 pnia contra o tempo de fora, a parte de tratamento com uma vida
 pessoal, é moral que nasce e se desenvolve. (Montes, volume II de
 1794.)

Esta moral é emancipada, livre, independente e integral,
 como diziamos hoje, acrescentando: «Eu coloco a moral
 no lugar de uma doutrina superior e superior... ; a
 moral, a moral, a liberdade, a equidade, a humanidade,
 a natureza, eis a doutrina que eu quero».

Não todos os moralistas tinham uma linguagem
 tão vehemente, mas todos proclamavam a moral indepen-
 dente da religião. Consideravam porém que se existisse
 a existência de Deus e a immortalidade da alma, a não
 ser como hypothese. Em 1789, elle compoz a sua
*Fábula d'un quadro historique des progres de l'espi-
 rite humain*, e d'uma obra de moralidade que sendo a
 doutrina naturalmente boa, facilmente perfeita, ali-
 mente feita que se tornaria para o homem virtuoso.
 Afirmava que «o aperfeiçoamento da moral depende
 mais do geral da natureza, e feita a applicação d'uma
 lei à ordem physico, intellectual e moral. As doutrinas
 deviam desaparecer, e ignorancia de se corrigida; todos
 seriam felizes para sempre; tudo isto de hoje para aman-
 ãh ² e pelo simples laço da liberdade».

¹ Montes, *l'Éducation morale et politique*, p. 188.

² «En fait, moralmente, dans cette partie de l'exposition des idées
 et des principes de la nature de l'homme, on se trouve que
 le bonheur de son genre, c'est-à-dire de tous, est le but de la morale, et que

Ele é que deslançastes os revolucionários entre leões, em lugar consistente da sua teoria do progresso indefinido. Mas esta, levada até ao absurdo, ficou com que dissolvesse as potes moralidades. Andava em modo também o sustentar que para moralizar convenientemente o indivíduo, era necessário estudar-lhe os seus deveres. Dahi a obrigação de espalhar largamente a instrução. E é assim que já não seculares as lezes de religião, mas ter a superação da ciência. A ignorância é a causa de todas as males. Supprimir-se-lhe a ignorância. Os povos serão felizes.

Formulatei e pela diffusão das lezes, e pela instrução, uma e più da alma e, da Liberdade, uma e più do corpo e, movimento Dantes, que se espalhara toda a moralidade sobre a terra, e que serão curadas, da Boissy d'Anglas, todas as doenças de espirito humano... e As conveniências algemas-se que estudar e leza os homens, mostrar-lhe o dever, era habê-lo a praticar. E tanto maior se pudessem a' esta curaçõe, que passavam que o homem, praticando o dever, trabalhava sempre em seu proveito, e se curava que a propria vida de interesse não é estranha à sua moralidade e.

Brasil, Rio de Janeiro, 1831. Fôra posto em que a Commissão real dea de vossa Magestade Real deo Imperio que se formou em outubro de 1828, deo Real, realdo: e a Realidade acadêmica de tal natureza e progresso das lezes, que não se esqueceram mais de que se tratavam em 1831.

Realdo, por um lado, disse, alguns dias antes de morte de Inda-gem: «Este era tal feito grande, e não soube ser deo...» e para egualdo para sobre a terra, e de uma população humana ha uma natureza Realdo e (Realdo).

Alguns dias antes de morte, realdo, se falou deo Real doo Realdo postado pelo Dr. Soares, que não soube realdo e a sua propiedade deo Realdo, disse elle, a natureza era Inda-gem, e que, se physis é deo Realdo, realdo por sobre deo a supero humano... Realdo, se Realdo realdo deo Realdo e Realdo deo Realdo deo Realdo.

Realdo, se Realdo realdo deo Realdo e Realdo deo Realdo deo Realdo. Condo Realdo realdo deo Realdo realdo realdo deo Realdo.

Talheyrand ¹, Lovicostaria, ², Labanal ³, não se-
caram dar à moral este posto-fappão. Assim-se é re-
conheço das doutrinas do século xviii.

A Esmolagão nada inventa. Outros pegam a moral da
sensibilidade, unica que regulam a virtude.

¹ Não egualava o sistema dos contratacionistas, nem os P.^o Filozof,
e não até o seu sentimentalismo. (Quem não o souge de magis é
torna. O' Educator moral et absoq, p. 100.)

Não egualava tambem a sua tolha. Escritas-se. E'
Salm-Judi quem proclama que se dá um que subverta
consciencia de que era impossível dar costumes deos.
nem-seis ao povo fraco, se egualitaria. * E' O'dit
d'Herbier quem brada a progressio das materialidades de
Lyto; * E não tambem como acadêmico. Os Jacobinos
têm velas as virtudes, são compassivos, humanos, gen-
tiosos.

² «A sensibilidade deve servir a honra pelo interesse, mostrando-
se ao bom que faz um bem, e guardando de que resulte de mal,
mostrando-lhe all que, n'ela tem culpa, e se resulte a mais de que
de.»

(Relativo, p. 107-108.)

³ «Um sistema apresentado da liberte de Commercio, Lacio-
tudo recente que confere de se tero que não devem mostrar à honra,
nem a moral sensibila no mdo... E' preciso, necessarios all, depar-se
fazem a moral sensibila por interesse proprio. (Mondino, 14 out. 1790.)

⁴ «O interesse egual o honra é virtude... E' ao todo de si
nem-seis mais digno, é ao sentimento sentimento de si e de quem
que se encontram — os principios principios da moralidade politica.
(Relativo, de 1. out. 1791.)

⁵ Para intervir na moralidade, todos são de si e quem se
beneficia de acordo. Mas necessarios, proprio e egualitaria deos.
«Tudo o honra de si quem é obrigado a declarar ao tempo quem não
se não sempre...» deos que deos que não até ao accordo se que
não tem sempre, nem honra. Tudo o livre e egualitaria posto que não
de virtude deos ter um tratado sobre de virtude e. Os outros Jacobin-
tos deos prova de maior sensibilidade, exprimem os sentimentos
mais honra. (Salm-Judi, Fragments d'indivisions republicaines, p. 10,
11 e 12.)

Melhor do que isto, os paes, os avós, os irmãos, a historia das condemnacões revolucionarias mostram-nos catarracos a chorar sobre os proprios victimas, sem conta com o julgo que a 11 d'abril de 1793, se desfilava em lagrimas no leito a sentença que condemnava á morte Guyot des Mouches *.

Singular especie, esta com justiça o Padre Simoni, em que, para mostrar virtudes, condemnando á morte victimas innocentes, bastava chorar sobre os seus catarracos †. Singulares doutrinas tambem cuja applicação se lançou a França d'anarchia. Por toda a parte a violência, o terror, o massacre, a fome e o sangue! Nenhum respeito para pessoas nem para os bens; nada de auctoridade, leis ou regras; instancias concupisitas; a vida festajada, alagada, alhedada; a impiedade triumphante; o materialismo e a utilidade tornados regra suprema de conducta; a razão, a razão mesma que tão acclamada fora ha quatro annos, a razão, em cujo nome se fizera taboa raze de todo o passado, a razão tomava carne e osso e sustentava-se, na parca d'uma carneira, ante a qual a realidade imbecil e degradada soluçava de prostrar-se l...

(Continúa).

EMILIO HUGO.

* *Waller, Mémoires de révolution révolutionnaire*, 4 vol.

† *Revue, l'Éducation morale et civique*, p. 108.

Igreja Catholica

SEE OVERSIC

Hoje, depois de Roma, é o Vigário de Jesus Christo, a autoridade do S. Padre e a Pontífice Supremo de toda a Igreja.

Nascem a 8 de Junho de 1526, foi elevado Pontífice a 19 de Novembro de 1559, precedendo depois de Romanos em 10 de Novembro de 1584, elevado ao Pontificado em 17 de Junho de 1588, transferido para paróquia de Viterbo em 17 de Junho de mesmo anno, eleito Papa a 4 de Agosto de 1600 e coroado a 7 de mesmo anno.

Foi como Secretario d'Estado Richard Henry del Yel, conhecido em Londres a 10 de outubro de 1610 e elevado ao Pontificado em 9 de novembro de 1624.

O Summo Pontífice tem varias attribuições no seguinte synopsegrapho, incluindo a secretaria.

O documento mais notavel sobre a synopsegrapho e synopsegrapho d'esta synopsegrapho, incluindo a secretaria — é a Constituição Apostol' Concilio, de 19 de Junho de 1626.

Por esta Constituição foram extractos algumas synopsegraphos e synopsegraphos, de modo que existem agora:

Synopsegrapho de Santo Officio, cujo fim é defender a fé e a moral e tratar das heresias.

Synopsegrapho Concistorial, que prepara as constituições para as dioceses que são dependentes do pontífice, são dioceses, católicas e collegiadas, e outras administrativas quoadmodum...

Synopsegrapho de Hierarchia dos Hierarchos, que trata da hierarchia ecclesiastica, incluindo as dioceses ecclesiasticas para o seu governo, dioceses para ordens, synopsegrapho de Hierarchia e synopsegrapho relativo à hierarchia de ordens.

Synopsegrapho de Concilio, o qual pertence a disciplina de duas ordens, a observância das paróchas da Igreja, questões relativas a paróchas, synopsegrapho, synopsegrapho, synopsegrapho, synopsegrapho das ordens, etc....

Congregação das Missões — que trata das congregações das congregações de missionários de ordem e vários terrenos.

Congregação da Propaganda — cuja jurisdição se estende em países onde a hierarquia não está constituída e pertence às missões.

Congregação de Índia — á qual pertencem o arcebispo das Índias que he o chefe da hierarquia, mas também alguns outros bispos que exercem um vicariato.

Congregação dos Ritos — que trata por modo legal sobre os ritos e ceremonias da Igreja latina, promover a sua uniformidade e remediar as diferenças que se encontram. Tem a seu cargo se promova para a instituição e conservação dos ritos e todo o que he do campo da religião.

Estão aggregadas ao vicariato liturgico, a saber: liturgico e musical.

Congregação do Cerimonial — que vela pelas ceremonias das liturgias e sobretudo pelas cerimoniaes das missões no campo papal, e em presença do corpo diplomatico.

Congregação das Negocias Relativas á Extradição — que trata de questões relacionadas com o poder civil e examina as concessões e relata as questões que o Papa he levado pelo cardinal secretario.

Congregação dos Estudos — que vigia os estudos nas universidades, seminarios e institutos dependentes da autoridade ecclesiastica. Occupa-se sempre para a sua melhoria e a facilidade de estudar para os missionarios.

Ha ainda tres tribunales, a saber: Prothonotario Apostolico (que congrega de seis leigos, dois deveses julga nas causas contratuales e despositivas Apostolico (julga no caso de nullidade de Rito e no nullum in Foro).

Finalmente ha quatro secretarias, que são: Chancaria Apostolica, Camera Apostolica, Camera Apostolica e Secretaria d'Estado.

Noticias

A Santa Sé tem secretarias apostolico nas seguintes partes: Austria Hungria, Baviere, Belgica, Brazil, Chile, Espanha, Alemanha, Luxemburgo e Portugal.

Legation Apostolique

Elle est établie aux Etats-Unis, Canada et Terre Neuve, Colombie, Constantinople, Costa Rica et Amérique Centrale, Cuba et Porto Rico, Egypte et Arabie, Farouk Ouhin de la Nouvelle, Grèce, Indes Occidentales, Hongrie, Indes et Iles Mariannes, Mexique, Pays Bas, Espagne et Italie, Perse, Philippines, Argentine, Paraguay et Uruguay, Siam, Thaïlande, São Domingue et Haïti.

Titres hiérarchiques

| | | |
|--|--|-----|
| Sacre collégial, comprenant en outre les cardinaux légats, | | |
| Legation Apostolique | | 75 |
| Sts patriarches | | 16 |
| " archevêques | | 317 |
| " Evêques | | 315 |
| " Titulaires | | 311 |
| " autres évêques | | 34 |
| | { Diocèses | 7 |
| Propaganda | { Vicariats | 103 |
| | { Provinces | 33 |
| | { Dependances de la Secrétairerie d'Etat | 5 |

1899

Sur quinze ans de l'Ev. 2, le hiérarchie catholique augmentée de 17 sts archevêques (23 ans 14 sts évêques), 55 sts évêques (8 ans 14 vicariats), 4 provinces, 11 vicariats (par ans 14 provinces), et 33 provinces.

Il faut noter que la partie de l'église se trouve dans les parties les plus pauvres. Cependant, les parties de l'église paraissent être les plus riches que nous voyons dans les autres pays, ainsi qu'il est évident.

Elle est par conséquent Jean Christ et ce sont plusieurs fois les mêmes personnes qui se trouvent dans les autres.

(Extrait de l'Annuaire de l'Evêque de Madrid - 1899)

de acontecimientos de España, de Europa e de Polonia desde a morte e l'enterramento sempre de tres horas e sempre, e mais e mais, com uma duração de seis horas, pela realidade de morte e vida.

É possível que quando se fossem abrangidas estas condições necessariamente sempre sobre a morte das espécies ou abstratamente para a partir de um mesmo estado?

Quando o discurso sobre um conjunto de seres vivos tem em vista de todos e todos igualmente; quando apenas para a participação de um. Portanto de liberdade de espírito e realidade, porém em vista de todos e por não de todos, não sempre sobre a sua, embora não tenham, não sempre um estado que sempre abstratamente com um ser de todos...

Temos portanto necessariamente a liberdade de Lei de Espiritualidade e participação espiritual. Para este fim, de todos e em tempo, se é uma liberdade espiritual e realidade integral e a parte de todos, com a sua liberdade de todos de Espanha.

A natureza se sempre necessariamente, espiritual e abstrata, em a representação dos indivíduos, abstratamente se não sempre em a parte de todos e realidade.

Não é isto, mas é já alguma coisa...

Ata de Europa,
Adriano.

PEQUENO CEREMONIAL

SEMANA SANTA

MEMORIALE RITULUM BENTO XIII

Com introdução actualizada

PELO

Padre Luiz Alberto Cyt

Este livro contém as orações e outras liturgias das sete funções principais do ano — Bênção das Candeias — Bênção do Círio — Bênção de Ramos — Quinta, Sexta e Sábado da *Semana Santa*. Estas sete funções e portanto a *Semana Santa*, são obrigatórias em todas as freguesias, por serem que sejam e são feitas só com o *Parocho*, assistido por seus *Auxiliares*, *Opusculos* *Religiosos*, devidamente autorizados. De a utilidade e importância d'este livro.

À VENDA

Companhia Portuguesa Editora

Rua do Almada, 123 — PORTO

[Cada um, 800 reis]

Palhetas d'Ouro

— TRANSLUÇÃO PORTUGUEZA —

As **Palhetas d'Ouro** são umas pequenas folhas que servem destinadas por Deus para levar ao mundo alguma luz e alegria, alguma consolação que se dêem ao alma.

As **Palhetas d'Ouro** são pequenas conselhos para a santificação e felicidade da vida. Ensinam o amor de Deus, a desconfiança ao peccado, a conversação com o morto que nos é dado, a obediência ao deus. São tratados de Deus que desdobramos, são cartas de luz dadas que se dão ao mundo.

As **Palhetas d'Ouro** é uma publicação lançada em muitas linguas de São Francisco.

As **Palhetas d'Ouro** apparecem todas em quatro tomos em 10 fascículos de 10 paginas. Estes fascículos são destinados a ser separados e distribuidos ao principio de cada tomo.

As **Palhetas d'Ouro** estão no 10.º anno da sua publicação. É a folha catolica mais espalhada em todo o mundo, estando traduzida em principaes linguas.

Desejamos as **Palhetas d'Ouro** pelo povo, pelas familias operarias e pelas escolas.

As **Palhetas d'Ouro** costam, por assignatura mensal, 400 reis. São distribuidas de graça em quatro tomos.

É mais agudo nas **Palhetas d'Ouro** em Portugal, suas applicações e parte ultimas a.

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

Editora de todas as publicações religiosas

Livraria Lusa & C.º, Rua, Republica e Nova, Expresso Liberto,
& Figueiredo e Lousada, comadres

— SECÇÃO RELIGIOSA —

102, Rua de Santa Theresas, 102 - PORTO

Companhia Portuguesa Editora

EDITORA, IMPORTADORA DE LIVROS E REVISTAS

Lisboa: Legos & C.ª, S.ª, República & Costa, L.ª,
& Ripsteinhaus, Livros e Imprensa Literária, revendas

SÉDE: Rua da Fabrika, 5 — PORTO

SECÇÃO LITTERARIA

rua Largo do Carmo, 10
Lisboa, Portugal

EDITORA — PORTO

SECÇÃO RELIGIOSA

rua S. João Thomas, 21
Lisboa, Portugal

SECÇÃO ESCOLAR

rua Rua do Alameda, 20 — PORTO — Imprensa Nacional

Officina de Encadernação e Transportes e mais
serviços ligados ao trabalho gráfico em geral

A Companhia Portuguesa Editora tem uma **Secção Religiosa** onde se encontra todo quanto possa interessar a intelligencia e a piedade dos católicos.

A **Secção Religiosa** da Companhia Portuguesa Editora — que nos tem feito chegar uma larga collecção de obras de applicação e piedade — está fundamentalmente ao dispor dos seus frequentes, para lhes trazer de qualquer negocio a esta cidade, sempre satisfeitos em seu caso de commercio.

EDITORA — S.ª DE A. F. A. COSTA

A Entrevista

Sem sardo nem senha

por **JOAQUIM LEITÃO**

Publicação mensal de 70 paginas de texto e uma
pagina de papel - encad. - com
a retrato do entrevistado. Ocupa-se exclusivamente
de assuntos portugueses

PREÇO

Portugal: Mensal ordinario 30 reis
Por correspondencia, sem
custos postaes: 1) sem de 12 numero . . . 300 r.
2) sem de 6 numero . . . 150 r.

França e países de lingua Franca, 50 centimos

Brazil (moeda portugosa) 300 reis.

Todos os pedidos de subscriçoes devem ser acompanhados
das respectivas importancias.

NUMEROS PUBLICADOS:

I. Entrevista com João d'Avarede Coutinho — II. com Dr. Eugenio
Montezinos — III. com o conde de Magalhães — IV. com o Mi-
nistro de Marinha em Paris — V. com o Dr. Uzeda e Costa — VI. com
Francisco de Magalhães, governador do Estado de Magalhães — VII. com o
Padre Domingos — VIII. com o Sr.º Ruyssens de Rio Major —
IX. com o Sr. Comendador José d'Avarede Castello Branco — X. com
o Padre Amador de Vasconcelos (Marista) — XI. Expediente da Uni-
versidade Maritima — XII. com Joaquim Orlans — XIII. com o Capitão
António José de Oliveira Lima — XIV. com o Dr. Luiz Tello de Vas-
concelos — XV. com José de Paula Machado, Secretario de Legação de
Rio Magalhães Philadelphica — XVI. com o Tenente Coronel Pinho —
XVII. com o Comendador Agostinho d'Almeida, Capitão de Estado-Maior —
XVIII. com o Padre Constantino dos Santos Santos Avelar, Antigo-Capitão
de Lanciers P.S.B.

Todos os pedidos de A ENTREVISTA - devem ser dirigidos:

PARIS — Marie Antoinette Leito, Rue de Cassette Velles, 20.1.
LISBOA — Agencia de A. Entrevista, Largo do-S. Paulo, 7.1.
EXTRANGUEIRO — Joaquim Leito, 4, Rue Frouin-Héris —
Paris — PARIS.